

## UMA MULHER DE FAMÍLIA\*

### A FAMILY WOMEN

Kimy Otsuka Stasevskas<sup>1</sup>

Néta Schor<sup>2</sup>

STASEVSKAS, K.O.; SCHOR, N. Uma mulher de família. *Rev. Bras. Cresc. Desenv Hum.*, São Paulo, 10 (2), 2000.

Resumo: Conceitos criados sobre a família muito vêm influenciado e sendo influenciados pelo movimento de construção da identidade feminina. É fácil imaginar uma mulher se pensando, pensando sua condição feminina, relacionando isso à idéia de família; da mesma forma pensar uma família considerando a presença feminina. Percorrer os entrelaçamentos dessas instâncias, mulher e família, de um ponto de vista histórico e social, contando com os depoimentos dos sujeitos da pesquisa, abre oportunidades de estendermos as reflexões aqui revendadas, a outras mulheres, que vivem circunstâncias semelhantes ao grupo pesquisado. Esse artigo é parte de uma dissertação de mestrado que propõe uma reflexão sobre o ser mãe. Apresenta alguns elementos que constituem essa condição, as articulações que fazem entre si, considerando influências histórico-sociais e o papel da mulher atual.

Palavras-chave: família; papel da mulher; mãe.

Ao pensar o título deste artigo, a intenção foi de criar uma pequena provocação, chamá-lo “Uma mulher de família” fazendo alusão à “moça de família”, expressão bastante conhecida e não tão remota que designava aquela que possuía sua moral e respeitabilidade intactas, o que, na minoria dos casos tinha a ver com dinheiro e posição social e, na maioria dos casos, tinha a ver com um controle de sua sexualidade. De qualquer maneira, sabemos que, por muito tempo, as mulheres tinham que aparentar conduta irrepreensível, no que dizia respeito à sua sexualidade, emanando um ar de “honestidade”, quer possuísse, ou não, tal comportamento.

Historicamente, é conhecido o movimento que, ao final do século XVIII, pretendia a reorganização dos espaços público e privado, presenciando-se uma certa invasão da autoridade pública

até nos âmbitos mais particulares, como a família, desencadeando com isso, a politização da vida cotidiana e conseqüente ampliação do espaço público. A família passa a ocupar lugar de destaque dentro do foco de interesses, já que representava uma importante via de controle do indivíduo, uma garantia de moralidade. E é, à essa época, que já se verifica uma tendência em situar a mulher no espaço privado, consolidando seu papel de esposa, mãe, “dona de casa” ou “rainha do lar”.

ARIES (1978), em seu minucioso trabalho sobre a família e a criança, verificou o surgimento de um novo sentimento: o sentimento de família. Descreveu que a família transformou-se substancialmente a partir das mudanças no relacionamento com a criança. Observou que na família do século XVII, é importante salientar que ainda não é o que entendemos por

\* Parte de dissertação de mestrado, financiada pela CAPES/CNPq, intitulada “Mães narrativas de hoje”.

1 Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Saúde Pública, Faculdade de Saúde Pública USP. Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 715, São Paulo - SP, CEP 012-4904 - Tel 3066-7702. E-mail: kimy@usp.br

2 Profa. Associada do Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública USP - Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 715, São Paulo - SP, CEP: 012 4904 - Tel 3066-7702. E-mail: neschor@usp.br

família moderna, começa a emergir algo que se transformaria em um de seus traços fundamentais, ou seja, a ternura e intimidade ligando pais e filhos e, posteriormente, a exaltação do amor materno, de enorme importância para a criação do sentimento de família como o entendemos atualmente: “(...) a família moderna, (...) separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças (...) A partir do séc. XVIII, e até nossos dias, o sentimento de família modificou-se muito pouco” (ARIES, 1978, p. 271).

Com a Revolução Francesa, e a tentativa de subverter a fronteira entre o público e o privado, a família vem a se transformar no principal palco da vida privada; a área doméstica começa a se opor à área pública e, sabemos, as mulheres são incentivadas a permanecerem em casa, cuidando do marido e dos filhos.

“Na história da família ocidental o poder paterno sempre acompanhou a autoridade absoluta e despótica do homem sobre filhos e esposa” (LINS, 1997, p. 92).

Logo, nesta família moderna, constituída de pai, mãe e filhos, o modelo de funcionamento ideal é quando a mãe zela pelo bem estar dos filhos e do marido; e o pai é aquele que sustenta a família, não permitindo que nada material lhes falte. Os filhos existem para serem protegidos e amados. “Nessa nova família, (...), o homem se afasta de casa para trabalhar nas fábricas e escritórios e a mulher se fecha no espaço privado do lar, cuidando dos filhos. Para que este sistema funcione bem, é inaugurado o amor romântico” (LINS, 1997, p. 110).

É por tudo isso que o sentimento de família não pode ser referendado à uma época anterior ao século XVII, da mesma forma que a concepção moderna de família, antes do século XVIII, quando é consolidada. Esta consolidação se deve, em grande parte, a uma relação de interdependência entre a valorização da criança e o papel de mãe, tal como hoje o conhecemos.

Em nosso estudo a partir de entrevistas realizadas com jovens mães, chamou atenção o fato de que quando as mulheres entrevistadas mencionavam a falta de um companheiro, pareciam falar, implicitamente, sob a perspectiva de possuir ou não uma família, dentro da acepção burguesa de família. Faziam referências e comentários sobre a presença ou ausência de um companheiro, e a oposição entre ser casada, com filho, ou solteira, com filho, além das responsabilidades decorrentes de cada situação.

## OBJETIVO E MÉTODO

É intenção do presente estudo promover uma reflexão sobre determinado conjunto de idéias trazido por mulheres que falam do papel feminino, levantando convergências entre suas idéias e significações construídas social e historicamente.

A matéria prima da presente reflexão é oriunda do conteúdo de entrevistas feitas com jovens mães que foram estimuladas a narrar suas experiências enquanto tal. Isto possibilitou a emergência de diversos temas, gerando o que chamamos “categorias analíticas”, aqui entendidas como a reorganização e interpretação das idéias através de método qualitativo. Os discursos foram analisados e interpretados com o apoio da *grounded theory*, de aportes da representação social e do sistema indiciário.

Uma dessas categorias constitui-se no objeto deste artigo que trata de compreender os significados subjetivos que essas mulheres possuem sobre família, como também, traçar um possível percurso de construção desses significados.

Neste trabalho, as falas das mulheres são identificadas por duas iniciais de seus nomes fictícios, adotados na dissertação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nosso trabalho, foi possível perceber uma idéia de responsabilidade feminina ligada à assunção de uma família:

MG: (...)... *Mas eu acho que uma mulher pra ser mulher não basta só ter um filho, casar, tem que ter responsabilidade. (...) né, que não adianta eu ter um filho, eu ser casada, e daí? Né.. não ter minha responsabilidade, eu acho que ser mulher tem que ser mulher e ter responsabilidade, né, é isso que eu acho.*

MR: (...)... *Hoje? (...) A minha filha, né (...) Porque depois que eu tive ela, a gente tem um sentido, né, nasce – a gente aprende depois que a gente casa, tem filho, a gente começa a aprender que não é mais é... é, clubinho, né, boate, essas coisas, tem coisas mais importantes, não é? Prá mim é isso. ...E...a...mulher com a – prá falar – ela tem uma responsabilidade muito grande a partir do filho, né, em tudo, né, na casa, no filho, eu acho que é isso.*

A entrevistadaMG, quando fala que não basta casar e ter filho, que é preciso ter responsabilidade, parece falar, diretamente, das funções da mulher na família, da mudança que há entre uma mulher solteira e sem filhos e, uma mulher que tem casa, marido e filhos. Mas, para MR, é na maternidade que se dá o sentido da vida, que, se antes frívola, depois da maternidade adquire

nexo e importância. No entanto, fala mais que isso, que a mulher, para ser verdadeiramente uma mulher, não basta constituir a família e sim responsabilizar-se por ela, cumprir o papel feminino, no que se refere aos zelos com filhos, marido e casa. Ou seja, a idéia de que a identidade feminina está necessariamente vinculada ao desempenho responsável das tarefas de mãe e esposa.

Contudo, uma vez sem companheiro, a assunção total da responsabilidade em termos emocionais, morais e financeiros, surge como sendo um encargo muito pesado.

Ademais, casar possui também um sentido simbólico, uma realização individual no plano subjetivo: (...) “somente a partir dessa união a mulher obtém o espaço material e simbólico para viver a condição inerente ao sexo feminino” (BRIOSCHI & TRIGO 1989, p. 53).

MA: (...) ...eu num.. faria a besteira de ser mãe novamente, né, então assim, mãe solteira, não, porque é muito complicado. (...) ...ela tem mais responsabilidade, que quando ela é... ela é sozinha, que ela não tem ... filhos, ela é solteira...! E... mulher com a – pra falar – ela tem uma responsabilidade muito grande a partir do filho, né, em tudo, né, na casa, no filho, eu acho que é isso... Olha, na verdade, eu falaria uma coisa que... eu cuido da minha filha sozinha. O pai dela não me ajuda.

Logo, a besteira não é ser mãe e sim, ser mãe sem possuir um companheiro, ser mãe solteira.

É curioso perceber que esta designação “mãe solteira” é bastante difundida e utilizada por todos nós. Caberia a pergunta sobre que tipo de vinculação existe entre uma palavra e outra, mãe e solteira. Não seria mais coerente dizer mulher solteira ou filho sem pai? Afinal, a “solteirice” da mãe, teoricamente, não afetaria diretamente sua relação com o filho, não apontaria menores ou maiores condições em ser mãe, apontaria sim, seu estado civil, no caso, solteira; por outro lado, a maternidade da solteira não afetaria, ainda teoricamente, a relação desta com um pai. O filho sem pai, não necessariamente é filho de mãe solteira. No entanto, a “mãe solteira” é o oposto da “mãe de família”, ou seja, daquela mulher que é casada e tem filhos, mesmo que estes não pertençam a esta união, e que, principalmente, se dedica somente à família. Se, na primeira expressão há algo tido como indigno, na segunda há muita dignidade e respeitabilidade. A palavra família dá, unida à palavra mãe ou moça, esse tom de respeitabilidade, isto é, a idéia de sexualidade protegida, contida pela família.

Fato é que existe, na prática, uma diferença: a mãe sozinha enfrenta dificuldades para ser mãe, dificuldades tanto de ordem financeira como de ordem moral e social.

A ausência de um companheiro, ou ainda mais, de um pai para os filhos traduz-se, portanto, em uma tarefa mais difícil e árdua que consiste em se responsabilizar sozinha pelo filho e, permite inferir, o ônus de não possuir o que se entende por família.

Há temeres e dificuldades na assunção da chefia da família, chefia esta que segundo CARVALHO (1998), é um conceito que não deveria compreender apenas os casos onde a mulher é chefe pela ausência do companheiro, mas também quando é responsável economicamente pelo grupo domiciliar.

Realmente, há uma crescente expansão do fenômeno chefia feminina associada a diferentes causas históricas, econômicas e sociais, e é (...) “em grande parte associada ao potencial que as populações, vivendo nestas circunstâncias, têm de estarem submetidas às situações de maior pobreza e vulnerabilidade econômica” (CARVALHO, 1998, p. 84).

É portanto, reiteradas vezes, reconhecida a grande dificuldade em criar os filhos e vencer os obstáculos cotidianos sem a ajuda de um cônjuge:

MM: (...) Às vezes se separam do marido, mas mesmo assim tava lá lutando.

A ausência do companheiro pode significar um tal grau de pressão, que traz o temor de uma possível desestruturação de personalidade, uma perda do sentido da vida e de sua identidade:

MS: (...) Tem muitas mães que vivem separadas dos maridos, né. Muitasfaz... sei lá se joga do prédio, faz loucuras...

BRIOSCHI & TRIGO (1989), desenvolvem profícua reflexão sobre o conceito de família. Em seu trabalho, com base em pesquisa empírica, mostram como o casamento, entendido como aliança formalizada ou não, é de capital importância na vida das moças, e que estas representam tal união como o passo necessário para o ingresso na vida adulta, para o desenvolvimento pessoal e para a legítima participação na sociedade. Mostram, também, o casamento sendo visto como uma via, sob certo aspecto, para sair do lugar de dominada e ocupar o lugar de dominante, ou seja, sair da posição de filha para ocupar o lugar de dona de casa, sendo evidentemente, um sonho de dominação restrito ao âmbito privado e que desconsidera a influência do patriarcado. Em entrevistas realizadas com mulheres pobres, pertencentes à classe trabalhadora, aparece uma representação do casamento como solução para a precariedade material em que vivem. Essa percepção se torna uma constatação de possível e fácil aplicação, no caso das entrevistadas do presente trabalho:

MF: (...) ...porque eu moro com a minha sogra, assim, eu ganho pouco, né, e se não fosse ela, não sei como ia estar hoje, porque eu não tenho meu marido, né. (...)

MA: (...) ... porque a gente sempre precisa dos pais, né...

O sentimento que provoca a falta de um companheiro, da maneira como é narrado, parece denunciar uma insegurança em assumir o modelo de família constituído, mãe e filho (e, às vezes, mais uma mulher), como sendo um modelo real e viável. Esta sensação de inadequação parece estar em alguns momentos apoiada também na crença de que não conseguiram evitar os maus passos da vida pelo fato de não terem dado ouvidos às recomendações paternas, agindo assim, de forma diferente das jovens de antigamente e estragando completamente um futuro de suposta serenidade.

MA: (...) tanto que eu sou mãe solteira e foi bem complicado, tipo assim, se eu fosse voltar agora atrás, se eu pudesse retornar, eu num.. faria a besteira de ser mãe novamente, né, então assim, mãe solteira, não, porque é muito complicado.

MA: (...) porque elas pensavam, né, primeiro se casavam, né ouviam conselhos das mães, dos pais, né e hoje não, hoje em dia as pessoas não escutam mais, mãe, pai (...).

“O tipo moderno de família e casamento entrou em crise porque foram abalados seus fundamentos: a divisão sexual do trabalho e a dicotomia entre o público e o privado atribuída segundo gênero” (VAITSMAN, I 1994, p. 35).

Como fica a divisão sexual do trabalho se a parte masculina não está presente e como lidar, em termos morais, afetivos e financeiros, com uma família que se considera incompleta devido à esta ausência.

Não obstante a crise dessa forma moderna de família, o desejo de constituí-la, dentro dos mesmos moldes, parece permanecer.

MI: Para algumas, nem todas são... pra algumas é importante ter um filho, ter uma família, um lar, sabe? Ter uma família. é.. pra umas são, tem outras que não faz questão de... ter uma... uma família, e... né, isso não é importante na vida delas.

A precariedade financeira que torna o cotidiano duro de viver traz para algumas entrevistadas uma ponta de decepção diante do sonho frustrado de possuírem companheiro para dividir as responsabilidades familiares, que são grandes.

E, no entanto, preciso considerar aqui que o grupo estudado pertence a uma camada popular, que se utiliza de serviço público e possui renda pessoal em torno de dois salários mínimos. Isto pode implicar em expectativas profissionais ou de emancipação financeira distintas de camadas pertencentes a um círculo mais abastado, ou mesmo mais intelectualizado, que deposita maior impor-

tância naquilo que diz respeito a uma realização profissional. As mulheres aqui estudadas parecem ter como principal expectativa, terem sua própria casa e criar seus filhos, preferencialmente junto a um companheiro. Isso deixa patente, mais uma vez, o desejo de reproduzir o modelo burguês de família, o que parece representar um fortalecimento na construção da própria identidade. Casar significaria uma melhoria de vida, uma melhoria no que se refere ao lugar ocupado no interior da família, como também na sociedade.

O companheiro parece constituir, entre outras coisas, e para estas mulheres, a possibilidade de minimizar todas estas responsabilidades, das financeiras às morais, eliminando o ônus social de ser uma “mãe solteira”.

## CONCLUSÃO

Ver-se ao lado de um companheiro contribui para a construção da identidade feminina, desde muito cedo. Com as mulheres entrevistadas, a idéia de buscar um companheiro parece corresponder também a uma tentativa de alcançar certa adequação da maternidade, que já existe, marcada pelo desejo de colocá-la no seio de uma família tradicionalmente constituída, com mãe, pai (ou companheiro) e filhos. A questão de ser mãe sem a presença de um companheiro e o fato de precisar trabalhar para obter o sustento parece fragmentar a identidade feminina desta mulher, ou no mínimo, torna-a inadequada.

A luta empreendida para se manter as vidas, quando se trata de prover o sustento, como também de cuidar dos filhos, é árdua, mas, por outro lado, é nessa luta que parece residir a percepção de um amadurecimento enquanto pessoa, um aval de “adultice” e maturidade, que é revelado na ponta de orgulho existente nas narrativas que falam dessas batalhas cotidianas. Esta é uma grande contradição encontrada nestas narrativas: a mesma coisa significando força e fragilidade. De qualquer forma, é importante sublinhar a grande sobrecarga que representa esta vida de dupla jornada, sem companheiro e pertencendo a uma camada pobre da população.

Revelada de várias maneiras, fica evidente a grande importância delegada à família, em seu modelo burguês, que desperta tantas cobiças e tantas promessas, entre elas valores que podem diferenciar positiva ou negativamente umas mulheres de outras, mas que, certamente, tê-la ou não, influencia fortemente a construção da identidade de todas elas.

**Abstract:** Past and present ideas of family are both influenced by, and act on, the development of a feminine identity. Women often consider their own femininity as centered on the idea of family. In the same way, traditional ideas of family have a strong feminine presence in them. By placing these concepts in a historical and sociological context, we open opportunities for the identification of other experiences that are similar to those presented by the researched group of mothers on the topic. This article is part of a Master's Dissertation that presents some ideas on motherhood. We introduce some elements intrinsic to this condition, discussing the relationship between them, and taking into account social influences as well as women's ongoing roles.

**Key-words:** family; woman's role; motherhood.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.
- BRIOSHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. *Família: representação e cotidiano – reflexão sobre um trabalho de campo*. São Paulo: CERU/CODAC/USP, 1989. (Textos, Nova Série, 1).
- CARVALHO, L. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. *Revista de Serviço Social*, 19 (57): 74-98, 1998.

LINS, P. N. *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

*Recebido em 20/09/2000*  
*Aprovado em 25/10/2000*